

A ameaça do descontrole

Diante do desinteresse demonstrado pelas lideranças políticas para um acordo capaz de permitir a superação da crise, avançam os dirigentes de entidades representativas dos empresários nas conversações com líderes da classe trabalhadora em torno de um entendimento capaz de frear a tendência altista da inflação.

Economistas de todas as tendências e líderes empresariais já advertiram que o País poderá ser sacudido por graves acontecimentos a partir de outubro, quando cairia na incontrolável espiral da hiperinflação. Em um país de tecido social tão frágil quanto o Brasil, a alta incontrolável da inflação produzirá certamente efeito político desagregador, podendo colocar em risco o projeto de transição democrática.

A elite política parece não ter ainda se apercebido dos riscos dessa crise econômica resistente, toda ela mergulhada na sempre complicada discussão de pontos convertidos do novo texto constitucional. Os políticos estão preocupados com o futuro — com a nova Constituição e agora com o pleito municipal que poderá consolidar ou destruir carreiras.

O futuro imediato e as necessidades mais prementes do País e da sociedade estão sendo relegados a perigoso plano secundário. O governo Sarney, cuja base de sustentação política está notoriamente minada por suas próprias contradições, não se sente seguro para o vôo alto de um programa capaz de reverter a tendência inflacionária

altista, mas necessariamente distribuidor de sacrifícios. O Governo não consegue combater o déficit público e nem reduzir a alta inflacionária, mesmo comprimindo os salários da massa trabalhadora.

Economistas respeitados como Emar Bacha já demonstraram que não são apenas os salários que contribuem para o aumento da inflação. Este é provocado, hoje, no Brasil, principalmente, pela necessidade que tem o Governo de converter em cruzados os bilhões de dólares que o País tem conseguido apresentar de superávit em sua balança comercial.

Esta conversão, ao lado da dívida interna, é que impulsiona a inflação para cima. Pouco crédito se dá à versão de que a alta interna dos produtos agrícolas, provocada pela seca americana, esteja trazendo a inflação para cima. O Governo fechou um acordo com os banqueiros internacionais, suspendendo a moratória, para que o País voltasse a viver a mesma angústia dos tempos de Delfim no comando da economia.

A palavra de ordem é comprimir os salários, gerar crescentes excedentes exportáveis e, assim, produzir megassuperávits para pagar aos nossos usuários credores. Voltamos à lógica dos banqueiros estrangeiros sem qualquer possibilidade de melhoria na frente interna. O pacto que os empresários tentam levar avante é a única novidade nesse empobrecido quadro político nacional.